

NA ENTREVISTA, SARNEY DISSE:

CORREIO BRAZILIENSE

4 AGO 1988

O ACORDO

"O que é mais importante nesse acordo, que é um acordo inédito, é a abertura que nós fizemos do mercado brasileiro ao mercado boliviano. Nós fizemos um verdadeiro mercado comum. Nós abrimos o mercado brasileiro ao mercado boliviano com tarifa zero, sem nenhuma burocracia, com as licenças sendo concedidas para importação automática. E por outro lado, nós também concedemos aos exportadores bolivianos que sejam detentores das cotas de exportação e não os importadores brasileiros. Porque, muitas vezes, o que acontecia é que esses importadores dos setores competitivos sacavam as suas cotas e não as utilizavam, o que prejudicava bastante o comércio bilateral".

A INTEGRAÇÃO

"Vamos continuar nessa política que hoje eu acredito é extremamente vitoriosa. A participação do Brasil assegurou a viabilidade de uma política de integração latino-americana num nível

que não é somente um nível retórico. E, evidentemente, que demanda tempo, não é obra de um governo, mas o caminho está aberto, a diretriz está dada e eu acho que vai ser continuado. Hoje é uma causa de todos os países da América Latina (...). A posição que o Brasil adotou deu essa posição de solidariedade latino-americana. Deu ao Brasil uma projeção, uma reação de amizade em relação ao próprio povo dos países que nós temos visitado. Acredito que sejam essas, de uma maneira geral, as razões de termos hoje uma imagem excelente em toda a América Latina".

IDA A CUBA

"Nossas relações com Cuba são normais, são excelentes. Nós temos tido uma relação de alto nível, com visitas de ministros de Estado e não há por que, dentro do desdobramento desta política, nós tenhamos a visita do presidente Fidel Castro ou que eu possa visitar Cuba". Indagado sobre as iniciativas concretas sobre visitas presidenciais entre Brasil e Cuba, Sarney respondeu: "Iniciativa concreta, concretamente co-

mo se pode dizer a nível diplomático, eu acredito que não".

VIAGEM À URSS

"Se nós começarmos a visualizar as movimentações da política externa brasileira, nós vamos verificar que nós saímos dum espaço de uma política limitada, bilateral, com algumas investidas que nós tínhamos no setor internacional, mas muito retórica. E partimos nesse período a uma nova etapa de política externa brasileira. Então, partimos para a América Latina, em seguida para os países do mesmo nível do Brasil em matéria de países em desenvolvimento, daí a nossa necessidade de estreitarmos laços de cooperação tecnológica com a China, com a Índia. (...) Mas sem desmerecer que nós também não podemos abandonar as nossas relações com os países industrializados e também com as grandes potências, mas sem discriminação. E a viagem em relação à Rússia se insere no desdobramento dessas relações a nível mundial da política externa brasileira. Quer dizer, há um encaideamento, um desdobramento lógico".